



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE LETRAS

**POESIA LÍRICA: RECORDAÇÃO E EXPRESSÃO POÉTICA EM SAFO DE
LESBOS**

PORTO NACIONAL - TO
2019

ELIZANDRA GOMES LIMA

**POESIA LÍRICA: RECORDAÇÃO E EXPRESSÃO POÉTICA EM SAFO DE
LESBOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas. Orientado pelo Professor Dr^o. Antônio Egno Carmo Gomes.

**PORTO NACIONAL - TO
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

L732p Lima, Elizandra Gomes.
Poesia Lírica: Recordação e Expressão Poética em Safo de Lesbos. /
Elizandra Gomes Lima. – Porto Nacional, TO, 2019.
25 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e
Literaturas, 2019.
Orientador: Antonio Egno Carmo Gomes

1. Lírica - Grécia Antiga. 2. Safo. 3. Recordação. 4. Subjetividade. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

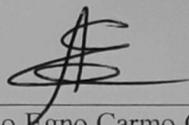
POESIA LÍRICA: RECORDAÇÃO E EXPRESSÃO POÉTICA EM SAFO DE
LESBOS

ELIZANDRA GOMES LIMA

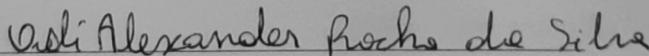
Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de Letras para obtenção do título de Licenciado em Letras: Língua Portuguesa e respectivas Literaturas, e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Aprovada em 29/06/19

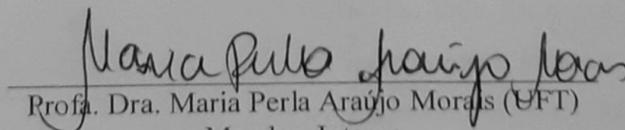
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio Egno Carmo Gomes (UFT)
Orientador



Prof. Dr. Odi Alexander Rocha da Silva (UNITINS)
Membro Externo



Prof. Dra. Maria Perla Araújo Moraes (UFT)
Membro Interno

Porto Nacional - 2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao professor Dr.Odi Alexander Rocha da Silva, um grande colaborador e incentivador. Um ser de luz na minha vida. Dedico a Deus, aos meus pais, ao meu noivo e minhas amigas de curso Jayne, Ludmilla, Marilia e Maria da Consolação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força e muita fé para prosseguir nesta jornada. Aos meus pais e as minhas irmãs como incentivadoras que nunca me deixaram desistir desta jornada, ao meu noivo pelo apoio, aos meus professores de graduação, principalmente aqueles que sempre me incentivaram, e conseguiram moldar-me como uma professora e ao meu orientador. Agradeço também por cada professor que concedeu caronas nesses quatro anos de curso. Obrigada pelos conselhos e broncas, foram de fundamental importância para minha formação profissional. Deixo aqui meus sinceros agradecimentos aos professores da literatura e linguística.

Deixo um agradecimento especial ao professor Dr^o Odi Alexander Rocha da Silva, obrigada pelo acolhimento, incentivos, conselhos e por ter apresentando-me essa mulher maravilhosa que é Safo de Lesbos. O senhor é um ser de luz. Agradeço as minhas amigas de graduação Jayne, Ludmilla, Marília e Maria da Consolação, só vocês sabem o que passei nessa trajetória e quão foi difícil passar por esses obstáculos, obrigada pela força, pelas palavras de motivação e por sempre tentarem reerguer-me; tenham certeza que isso foi um dos motivos para continuar nesta caminhada e obrigada por todo amor e carinho que tiveram comigo.

*Para mim, o que há de mais belo É [a pessoa] a
quem se ama. Safo de Lesbos – fragmento XV*

RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade de apresentar o esboço do que virá a ser uma discussão acerca do papel da recordação na expressão da poesia lírica. Assim sendo, as reflexões a serem feitas buscarão acima de tudo compreender a função da recordação na expressão poética da lírica do séc. VII a.C., e especial de Safo de Lesbos, bem como a significação do ato de recordar neste contexto e em que sentido isso influencia em contextos posteriores. A escolha do tema deve-se ao nosso interesse pela poesia lírica da Grécia antiga enquanto pioneira da expressão poética do Ocidente de maneira geral. A reflexão acerca da poética de Safo de Lesbos implica pensar sobre a sua colaboração para poesia lírica do séc. VII a.C. Essa autora destacou-se como uma dentre as maiores personalidades de figura femininas da Antiguidade grega.

Palavras-chave: Lírica, Safo, recordação, Grécia antiga, subjetividade.

ABSTRACT

The present work deals with the objective to show a discussion about the role of remembrance concerning to the expression of the lyric poetry of Ancient Greece. The reflections to be made in this work will try to comprehend the function of remembrance in the lyric expression of the 7th century b.C, especially the one of Sappho of Lesbos. Besides, we will approach about the meaning of the remembrance in this context of time and in what sense it makes some influence after the author's age. The choose of this theme is due to our interest to the lyric poetry of ancient Greece in general as a pioneer poetry of the West as a whole. The discussion about the poetics of Sappho of Lesbos implies to think about her collaboration to the poetry of her time. This writer was one of the principal feminine figures of the ancient Greece.

Keywords: lyric, remembrance, Sappho, Ancient Greece, subjectivity.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 8 |
| 2. BIOGRAFIA DE SAFO DE LESBOS..... | 10 |
| 3. LÍRICA: ASPECTOS TEÓRICOS E HISTÓRICOS | 12 |
| 3.1. A Recordação e o seu lugar na Poesia Lírica | 12 |
| 3.2. A escrita Feminina como Expressão Poética– Dinâmica da Recordação | 14 |
| 4. A RECORDAÇÃO EM SAFO DE LESBOS..... | 16 |
| 4.1. A presença revivida ou análise do fragmento XVI..... | 16 |
| 4.2. A Lembrança como Exercício De Consolação Ou Análise Do Fragmento XCIV | 19 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 23 |
| REFERÊNCIAS..... | 25 |

1. INTRODUÇÃO

A poesia lírica nasce na Grécia antiga do séc. VII a.C. Surge, em sequência à poesia épica, sendo que muito se diferencia desta. A diferença, talvez a mais saliente, seja a questão da subjetividade. Esta característica imprime ao fazer lírico uma qualidade que a torna distinta da poesia épica de maneira fundamental: o comprometimento com os sentimentos humanos, sobretudo aqueles de quem escreve.

Desta forma, o presente trabalho tem a finalidade de apresentar o esboço do que virá a ser uma discussão acerca do papel da recordação na expressão da poesia lírica. Assim sendo, as reflexões a serem feitas buscarão acima de tudo compreender a função da recordação na expressão poética da lírica do séc. VII a.C., e especial de Safo de Lesbos, bem como a significação do ato de recordar neste contexto e em que sentido isso influência em contextos posteriores.

A escolha do tema, deve-se ao nosso interesse pela poesia lírica da Grécia antiga enquanto pioneira da expressão poética do Ocidente de maneira geral. A reflexão acerca da poética de Safo de Lesbos implica pensar sobre a sua colaboração para poesia lírica do séc. VII a.C. Essa autora destacou-se como uma dentre as maiores personalidades de figura femininas da Antiguidade grega.

O nosso interesse foi despertado para a autora tendo em vista que A lírica de Safo de Lesbos apresenta questões concernentes à recordação como instrumento de expressão poética. Na obra da referida escritora, a recordação funciona como um recurso de interpretação no discurso poético. Através do seu texto, ela demonstra como a recordação é ativada e como funciona como elemento de ligação entre o momento presente e o passado, sendo temperada pelo sentimento da voz que fala no poema.

Na abordagem deste estudo, portanto, verificamos como a escritora expressa o seu sentimento e como ele é acionado pela recordação; um exame do comportamento da recordação proporcionará uma compreensão acerca dos meios estilísticos/sentimentais mediante os quais essa expressão é manifestada nos fragmentos escolhidos como recorte para este estudo.

Neste sentido, interessa meditar no significado da recordação enquanto fenômeno recorrente no eu-lírico (a voz que fala no poema); assim sendo, o que interessa para nossas análises são, principalmente, como o eu-lírico enxerga o distanciamento entre o passado e presente e o que as lembranças provocam em termos de emoção. Por fim, o presente estudo pretende ressaltar, mediante os aspectos poéticos a serem analisados, a importância que a poesia desta autora teve para com a sua posteridade.

O trabalho possui três capítulos. No primeiro capítulo iremos tratar sobre a biografia de Safo de Lesbos; neste momento, procuramos evidenciar as principais informações que se tem sobre a poetisa. No segundo capítulo iremos abordar sobre a Lírica, enfatizando aspectos teóricos e históricos; neste momento, abordaremos especificamente atuação da recordação na poesia lírica, e a escrita feminina como expressão poética no que se diz respeito a subjetividade. Por fim, o capítulo três tratará da análise dos fragmentos XVI e o XCIV. Esta pesquisa se ampara em bibliografia que direta ou indiretamente se relaciona ao assunto em discussão.

2. BIOGRAFIA DE SAFO DE LESBOS

Safo é natural de Mitilene, cidade da Ilha de Lesbos, a qual fica no oeste da Turquia; atualmente, essa ilha se encontra sob jurisdição da Grécia. Safo viveu no século VII a.C. Pouco se sabe com certeza a respeito da sua biografia. Segundo a enciclopédia Suda Lexicon¹. A sua mãe se chamava Kleis, nome este que também é o de sua filha. Segundo Gontijo (2017, p. 637) Safo foi casada com Cercylas, um homem ligado ao comércio e com ele teve a sua única filha.

Pelo pouco que sabe sobre a poeta, Safo teve três irmãos, Caraxo, Eurígio e Láríco. Dois dos seus irmãos tinham profissões, Caraxo seria um marcador, e Láríco um jovem que degustava vinhos no Pritaneu de Mitilene, função essa que era exercida apenas por membros que faziam parte da aristocracia. É possível afirmar, de acordo com Gontijo (2017, p. 637) que Safo foi exilada por volta de 590 a.C na Sicília, esse acontecimento se deu por divergências políticas.

Uma das questões que se apresentam na sua biografia, são alguns mitos que circulam com relação à causa da sua morte. Há quem diga que Safo morreu ao se atirar de um penhasco em Lêucade², ilha do mar Jônico. A ação desse ato se deu por um amor não correspondido, mas não se sabe ao certo qual foi a causa real da morte nem quando aconteceu.

Pelo que se verifica do que chegou até nós da sua história, Safo atuava como espécie de diretora na escola feminina, que se chamava “A casa das servas das Musas”³, uma escola voltada para educação e formação de mulheres, juntamente com outras mulheres que compunham administração da escola. A sua escola era voltada para ensinamentos que compreendiam o ensino de, poesia, música e boas maneiras; tratava-se, pois, de uma instituição voltada ao preparo da mulher para o desempenho do seu papel na sociedade. A existência da escola de Safo, conforme menciona Jaeger “pressupõe o poder educativo da poesia” (1995, p. 169).

A *Suda Lexicon* menciona que Safo teria escrito nove livros. Entretanto, quase todo o conteúdo desta obra se perdeu. A tradução mais recente da escritora, realizada por Guilherme Gontijo Flores (2017) é a primeira que objetiva reconstituir o que teria sido o conteúdo dos

¹ A Suda Lexicon consiste em uma enciclopédia, a qual, pelo que se sabe, é originada no período bizantino (aprox. séc. III d.C.). Constitui informação preciosa sobre vários temas, autores e obras, cujo conhecimento total se perdeu. A Suda Lexicon é uma das poucas fontes onde obtemos uma informação de Safo, a qual não remete a depoimentos de escritores. O caráter obscuro das origens da escritora por vezes deu oportunidade a que se criasse muitos detalhes aparentemente ficcionais em torno da sua vida.

² Isso pode ser encontrado em uma obra do escritor romano Ovídio chamada *Heroides*, (Heroínas), composta de cartas escritas por mulheres integrantes do universo da mitologia greco-romana e endereçadas aos homens pelos quais eram apaixonadas ou com os quais foram casadas conforme consta na tradição.

³ Este pode ser um nome específico da escola de Safo. Em geral, conforme fala Jaeger (1995), essa escola se chamava de Tiaso.

nove livros de Safo.

Sendo assim, é a partir desses registros encontrados, que se organiza todo o *corpus* da poesia de Safo de Lesbos. A poesia sáfica é composta por cerca de duzentos fragmentos. Os poemas de Safo, assim, como de outros poetas líricos, não possuem títulos, eles possuem numerações que os identificam e os títulos são dados pelas traduções.

3. LÍRICA: ASPECTOS TEÓRICOS E HISTÓRICOS

Desde antiguidade, a poesia lírica é tida numa cultura oral; era cantada, e era tida como cunho social, e não subjetiva, ou seja, “[...] poesia ligada ao canto, anônima e coletiva” (Spina, 1982, p. 2). A poesia lírica na Grécia Antiga do século VII a.C, possuía, diferentes expressões cada uma com suas peculiaridades. Dentre as espécies de poesia lírica destacam-se duas: a lírica coral e lírica monódica; a poesia coral é aquela em que, segundo Schuler (1985, p. 35) “os poemas compostos para um coro vinculam-se ao júbilo dos dias festivos”. Já a lírica monódica, a modalidade realizada por Safo, aquela em que “o poeta exprime seus sentimentos” (Schuler, 1985.p. 35).

Safo de Lesbos, ao que se tem notícia, foi uma das primeiras mulheres a escrever poemas na antiguidade. Como era bastante comum na poesia lírica, seus poemas eram lidos perante uma plateia, geralmente acompanhados por um instrumento musical. O ato de recordar tem uma grande importância na poesia clássica, uma vez que na poética de Safo de Lesbos é um dos primeiros momentos que a abordagem da recordação é identificada textualmente em poesia. De todo o modo, é na poesia lírica que o indivíduo recorda sem estar comprometido com a tradição (isto é, com a poesia homérica, onde não existe subjetividade), uma vez que a recordação é, acima de tudo, um ato subjetivo, como veremos a seguir.

3.1. A Recordação e o seu lugar na Poesia Lírica

Em geral, por lírica se entende diversos tipos de composições que, essencialmente, possuíam definições específicas. De acordo com Roosevelt Rocha (2012, p.89), muito do conceito atual de poesia lírica foi herdado do Romantismo.

O conceito de poesia lírica que nós herdamos do Romantismo. Poesia lírica é aquela na qual o ‘eu’ do poeta se expressa de modo declarado, colocando no texto suas emoções, suas opiniões pessoais, suas impressões sobre o mundo, a natureza, acontecimentos históricos ou particulares.

Entretanto, na Grécia antiga, a lírica, já apresenta um texto marcado pela expressão da subjetividade de quem escreve. Embora, a poesia lírica nesta época compreendia também a um acompanhamento melódico, os textos que chegaram até nós não possuem nenhuma notação musical. Entretanto, pelos textos em si, esta poesia se revela como sendo uma expressão de *sentimentos particulares* com temas em geral, associados ao cotidiano; nestes textos eventualmente elementos da tradição (mitológica) são acrescentados.

O texto da poesia lírica, portanto, revela a nós que se trata de uma prática que enfatiza

a expressão dos sentimentos de quem escreve; sendo assim, na Grécia antiga, o poeta se identifica no texto, ou seja, assume a autoria sobre aquilo que escreve através do uso de marcas de subjetividade, sendo a mais ocorrente delas, o uso de verbos na primeira pessoa por parte do eu-lírico. Isso torna essa poesia diferente da de Homero, a qual enfatiza apenas o relato da tradição. Os versos do poeta lírico identificam o seu sentimento, o qual é colocado de maneira particular, individualizada e, portanto, descomprometido com a tradição folclórica.

A diferença mais marcante entre a antiga épica e a lírica que dela deriva reside (no que diz respeito ao homem que por trás da composição poética se oculta) no fato de que na lírica, os poetas nos fazem conhecer, pela primeira vez, sua individualidade. Quão incerto é, para nós o nome de Homero: os líricos dizem-nos os seus nomes, falam-nos e dão-se a conhecer como indivíduos. Pela primeira vez, no tempo da lírica, personalidades bem definidas assinam suas obras [...]. A importância espiritual dessa evolução revela-se sobretudo na literatura e mais exatamente na lírica, visto que o fato novo aqui se exprime por meio da palavra e é só através da palavra que o mundo do espírito se revela de forma explícita (SNELL, 2001, p. 56).

Um dos aspectos da consciência individual do sujeito abordado na poesia lírica é a busca por uma lembrança, uma recordação que seja marcante, e sobre a qual deposita certo sentimento, seja de passagens tristes seja de passagens alegres, ambas remetendo a fatos marcantes na vida de quem escreve. A fim de entendermos isso, cumpre entender o sentido de recordação na poesia lírica.

Recordação consiste no fenômeno no qual é criado um elo entre um evento passado e os sentimentos e subjetividade de quem lembra. Daí a sua etimologia do latim *re-cordis* (*sentir novamente com o coração*). Neste processo, dois momentos se encontram (passado e presente), constituindo um momento em que o sentimento reage a este encontro. Tal reação produz sensações diversas de acordo com o que é lembrado, neste contexto, acontece o que Staiger (1975, p. 45) chama de “saltos da imaginação”. Ou seja, o indivíduo faz uma releitura do passado no presente, sendo esta releitura feita de “visões que surgem e se desfazem novamente, despreocupadas com as relações de espaço-tempo” (Staiger. 1975. p, 25).

A situação que o eu-lírico evoca por ocasião do momento poético em que a lembrança é abordada é a mesma vivida no passado; entretanto, quem lembra está distante, não apenas no tempo, mas também na consciência, daí o descompromisso mencionado por Staiger. A modificação de consciência se revela na medida em que o indivíduo que recorda é, no presente momento, diferente do que era no passado. Daí o fato de estabelecer uma leitura diferente, mais atual, sobre a lembrança, seja ela positiva ou negativa.

De acordo com Staiger, a lembrança é algo, de certa forma, temperado pelo sentimento, daí a sua etimologia de recordação (sentir de novo com o coração). Deste modo, segundo Staiger (1975, p. 54-55), as lembranças não são totalmente compreendidas e por esse motivo, são guiadas pelo que se sente em relação a elas.

3.2. A escrita Feminina como Expressão Poética– Dinâmica da Recordação

No contexto da poesia lírica na antiguidade, temos um destaque especial para Safo de Lesbos no que diz respeito à recordação na expressão poética⁴. No contexto da recordação, verifica-se uma qualidade diferenciada de expressão poética recordatória na escrita feminina de Safo de Lesbos. Muito dessa escrita revela, entre outros aspectos, a relação mestre-discípulo⁵. Neste sentido, segundo Jaeger, temos que:

Entre a casa materna e a vida matrimonial situa-se uma espécie de mundo ideal intermediário que só podemos conceber como uma educação da mulher de acordo com a mais alta nobreza da alma feminina. A existência do círculo de Safo pressupõe a concepção educativa da poesia, evidente para os gregos desse tempo. Mas o que ali há de grande e de novo é que a mulher exige a entrada neste mundo e nele conquista, na sua qualidade de mulher, o lugar que lhe cabe por direito, porque se trata de uma verdadeira conquista. (1995 p. 169-170.)

A escrita feminina ganha forma e sentido com o caráter educativo da poesia. Safo ficou conhecida por ser uma mulher que integrava um contexto social no qual se percebe uma maior relevância dada ao gênero feminino, ou seja, ao papel social da mulher. Isto é revelado pela existência do Tiaso, ou seja, uma escola dedicada exclusivamente à educação feminina. A tradição a qual Safo integrava não era, até onde se conhece, apenas uma estratégia de rupturas a serem vencidas, mas também, uma relação de construção da própria identidade feminina, sobretudo como um nascimento literário.

Ao se tratar da escrita feminina, na poesia sáfica, existe uma diferenciação entre esta e a escrita masculina desta época, o que Jaeger (1995, p. 171-172.), afirma ser que: “o sentimento do amor está no centro da existência da mulher e só ela o abarca na unidade da sua natureza

⁴ Apenas para esclarecimento, Safo de Lesbos não foi o único nome da lírica na Grécia antiga. Essa prática poética contou com nomes como Píndaro (natural de Tebas), Alceu de Mitilene e Arquíloco de Paros, apenas para citar alguns.

⁵ “Safo presidia em Mitilene de Lesbos, por alturas do ano 600, a uma confraria de raparigas, consagradas a Afrodite, às Graças e às Musas. Ela chama à sua casa << a morada das servas das Musas>>. Mais tarde dir-se-á, entre os Pitagóricos, em Alexandria depois, um <<Museu>>. A instituição de Safo não é outra coisa que uma <<escola>> colocada sobre o patrocínio de divindades femininas do amor, da beleza e da cultura”. (BONNARD. p.5. 1966.)

indivisa”. A escrita feminina, portanto, se diferencia, de acordo com o autor, pela sensibilidade maior para com a sutileza das pessoas e das coisas. Por isso Jaeger constata que:

As conversões do estilo da linguagem se fundem com o sentimento mais profundo, para conseguir a mais pura expressão [...] E não é por acaso que só a mulher é capaz desta individualidade, e, mesmo a mulher, só através da maior força que lhe foi dada: o amor. (1995, p. 172)

A poesia lírica apresenta um destaque especial para a poesia de autoria feminina. Através do conteúdo dos textos, podemos perceber que, naquele período, havia uma sociedade que se dedicava à preparação da mulher também para esse papel de compreensão da significância da poesia para o universo sociocultural. Essa é, de fato, uma explicação plausível para compreendermos a evidência de uma mulher escrevendo arte literária de sua própria autoria na antiguidade.

Quando se fala em poesia sentimental, a primeira referência que temos é o Romantismo. Entretanto, a lírica, tal como era tratada na antiguidade, já apresentava os traços pelos quais ficaria mais conhecida no Romantismo: a expressão da vida interior, a angústia diante da vida, a marca da autoria, entre outras. E, no contexto da poesia lírica, a expressão feminina se sobressai, pelo motivo de que:

[...] nos primeiros tempos, só a mulher era capaz daquela entrega total da alma e dos sentidos, único sentimento que, para nós, merece a designação de amor. O sentimento de amor está no centro da existência da mulher e só abarca na unidade de sua natureza indivisa (JAEGER, 1995, p. 171).

Essa interioridade é vista nos fragmentos de Safo. Os textos em geral são escritos em primeira pessoa (eu), ressaltando a assim a subjetividade do eu-lírico. A expressão subjetiva se contrapõe a Homero, que nunca se expressa em primeira pessoa. A poesia lírica, ao contrário, sendo subjetiva, está comprometida apenas com aquilo que sente.

4. A RECORDAÇÃO EM SAFO DE LESBOS

Os fragmentos de Safo de Lesbos chegaram até nós com a maior parte do seu conteúdo preservado. Esses fragmentos sobreviveram por muito tempo, cerca de duzentos anos (Gontijo, 2017, p. 637). Boa parte foi encontrada ao conjunto de papiros achados no Egito, no século XIX. Safo de Lesbos escreveu seus poemas em dialeto eólico, ou seja, um dialeto que era “falado principalmente na Tessália, na Beócia, em Lesbos e na parte setentrional da Ásia Menor” (Carneiro, 1962, p. 809).

Muitos dos fragmentos a atribuídos à poetisa chegaram até nós em suportes bastante danificados pelo tempo. Daí as muitas lacunas no texto, que representam o estado precário de conservação do material onde os textos foram achados. Outros textos foram encontrados citados por outros autores.

Como *corpus* deste trabalho, usaremos dois fragmentos, mais especificamente, o fragmento XVI e o XCIV, textos nos quais se faz presente a temática da recordação. A tradução aqui utilizada foi realizada por Silva (2013), a qual foi realizada com base no texto grego estabelecido por David Campbell (1990).

Para os objetivos do estudo feito neste trabalho, dividiremos os textos em estrofes e comentaremos cada uma delas. Assim fazendo, pensamos conferir aos textos um entendimento em perspectivas amplas. Uma vez que os textos de Safo não são completos, cabe analisá-los da maneira mais pormenorizada possível a fim de podermos lidar com aquilo que de fato temos de sua escritura.

4.1. A presença revivida ou análise do fragmento XVI

Alguns dizem que são infantes, outros cavaleiros
 Outros, que são navios o que de mais belo há na terra negra.
 Para mim, o que há de mais belo
 É [a pessoa] a quem se ama.

E é fácil fazer [com que] isso fique claro
 Para todos, pois aquela que notabilizou
 Dentre a humanidade na beleza, Helena,
 Seu marido, o mais nobre dos homens
 Abandonou, navegou para Tróia.

E não se lembrou da filha, nem dos pais amados

[...] [...] Lembrei-me com clareza,
 Agora, de Anactória
 Que não está presente (aqui).
 Aquele jeito de andar
 Que desperta o desejo
 E o brilho dos olhos em seu rosto
 eu queria ver, no seu rosto
 Mais do que carros e
 soldados da Lídia.

No fragmento XVI, é revivida a passagem de uma lembrança; aqui o eu-lírico invoca o mais belo sentimento vivido que é o amor. A primeira estrofe é marcada pela expressão “para mim”; essa expressão retrata umas das características que compõe esse fragmento: um caráter que evidencia a subjetividade, ou seja, o eu-lírico opina sobre o que lhe parece melhor, dizendo “*para mim* o que há de mais belo É [a pessoa] a quem se ama”. Assim, enquanto outros pensam que o melhor são outras coisas mais bem aceitas socialmente (navios, soldados, cavaleiros, etc.), o eu-lírico, entretanto, rejeita essa postura, preferindo o amor.

Deste modo, o eu lírico, ao expressar o que sente, evidencia a importância do amor diante de outras coisas; amar alguém, independentemente de quais laços afetivos se tem, representa o mais importante do que as demonstrações de valentia, tão caras a Homero, por exemplo. Nesta passagem da primeira estrofe, é definida a escolha pelo amor por este ser considerado o que de mais belo se pode sentir por alguém.

Na segunda estrofe, temos um exemplo do que é escolher o amor em favor de outras coisas. O texto faz menção à Helena, referida como a mulher mais bela da Humanidade. A referência da imagem da condição de Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta, é colocada no texto como um exemplo de ousadia. Ou seja, Helena abandonou uma vida confortável, uma condição de realeza em favor do amor. A figura de Helena aqui justifica que o amor é único sentimento que importa acima de qualquer coisa; você tem de senti-lo para tê-lo, ou seja, tem de experienciá-lo para saber de sua importância e Helena constitui um exemplo da experiência de amar intensamente.

Uma pergunta que se pode fazer sobre a segunda estrofe: afinal, o eu-lírico *aprova* uma conduta dessas? O eu-lírico está referindo com aprovação à atitude de Helena em abandonar

marido e filha? O que o texto nos dá a entender é que houve uma decisão por parte de Helena de romper com o marido. Em favor do amor, Helena toma a decisão de se separar. Ou seja, “Helena, seu marido, o mais nobre dos homens abandonou, navegou para Tróia e não se lembrou da filha nem dos pais amados”. Deste modo, tem-se que o novo amor de Helena, ao que se verifica, não é extraconjugal, uma vez que a união dela com esse outro homem tornou-se permanente com o abandono do marido.

O eu-lírico nada nos fala da significância do abandono de uma filha (provavelmente ainda pequena). O que o eu-lírico nos permite afirmar é que essa decisão de abandono, de separação do lar foi tomada por amor. E por isso Helena é exemplo, porque é um exemplo de um indivíduo que toma decisões *em favor do amor*, tendo coragem suficiente para pagar os preços dessa decisão. Através de Helena, o eu-lírico coloca a noção de que o amor exige entrega, ou seja, uma decisão de abrir mão de tudo em favor dele ou, por outras palavras, abrir mão de tudo aquilo que é um obstáculo a que ele aconteça. Por outro lado, essa situação apresenta o amor como um risco, pois não se sabe qual será o futuro. Entretanto, o eu-lírico não percebe a decisão de Helena como arriscada. Ou seja, para Helena, não importa o seu futuro, o que importa é o seu amor e daí a necessidade de fazer o que for possível para concretizá-lo, inclusive adotar atitudes arriscadas.

Na última estrofe, Safo retoma a figura de uma moça, provavelmente pertencente ao Tiaso, a qual é referida pelo nome de Anactória. É nesse momento que surge a lembrança enquanto acontecimento. O eu-lírico vive e expressa certo sentimento com relação a Anactória através de sua lembrança. Nessa lembrança, o sujeito recordado é identificado por características que, aparentemente, são marcantes para o eu-lírico. Através da lembrança, em certo sentido, ocorre uma aproximação entre quem lembra e quem é lembrado. No caso de Anactória, são lembradas características físicas (brilho dos olhos, jeito de andar). Tais qualidades conferem ao momento uma situação na qual a lembrança de certo modo supre a falta da presença física.

Sendo assim, ao despertar essas lembranças dentro de si, elas atuam como um grito que urge pela presença de Anactória, sobre a qual o eu-lírico diz “eu queria ver, no seu rosto mais do que carros e/soldados da Lídia”. Aqui temos uma conexão com a primeira estrofe aonde aquele a quem se ama vale mais do que elementos tidos como belos por uma cultura, onde o sentimento do amor não é valorizado. Desse modo, o que se percebe no texto é que a lembrança.

[...] aproxima aqueles que se amam, malgrado a distância, e é novamente um laço espiritual, da alma que une os homens uns aos outros. Essa

espiritualidade, porém, não é um esvair-se em sentimentalismos, em hostilidade em relação à vida, não é um fugir da vida: é, isto sim, lembrança de coisas terrenas, sensíveis, belas, luminosas. A lembrança faz reviver todas essas coisas, torna duradoura a alegria que elas proporcionam, dá aos que a experimentaram a sensação de estarem unidos no mesmo sentimento comum (SNELL, 2001, p. 77)

Não estamos, portanto, falando aqui de uma presença física, mas de uma presença *causada pelo sentimento*, ou seja, um sentimento forte, que causa essa aproximação entre o que foi vivido o que está sendo recordado no momento presente. Ou seja, trata-se de uma necessidade de trazer ao presente apenas o que é significativo em termos de afetividade para evidenciar a importância de quem foi recordado. Por outras palavras, lembrar significa, no caso do texto, *manter a pessoa no coração*. Isso significa dizer que a pessoa é importante não apenas porque foi um momento bom na nossa vida, mas porque sua importância resiste até mesmo à sua ausência.

4.2. A Lembrança como Exercício De Consolação Ou Análise Do Fragmento XCIV

E estar morta, sinceramente, eu desejo
 Oh, ela, chorando, deixava-me
 Em muitas [lágrimas], dizendo,
 “Oh, que terrível [isso que] sofremos,
 Safo, pois te deixo contra a vontade.

E eu isso lhe respondi:
 “Alegra-te e vai,
 Lembra-te, pois sabes o quanto
 estamos ligadas
 Mas, se não [te lembras] então eu quero
 Lembrar-te dos belos momentos

Que vivemos
 Pois com muitas coroas de violetas,
 De açafrões e de rosas
 Adornei [-te] e a mim
 [...] e muitas grinaldas

Em tranças de delicadas arranjos,
Colocaste sobre o nosso pescoço

E [lembra-te também dos] muitos
De florida essência [com que]
Eu te ungi [como fazem] as rainhas
E do leito onde, no conforto
E no descanso,
Despertaste o desejo”.

No fragmento XCIV, verifica-se a expressão de dor diante da partida de alguém; o sofrimento em relação a isso ocupa basicamente todo o texto, estabelecendo assim, o resgate das lembranças como um conforto para a dor. Essa dor é motivada sobretudo pela partida definitiva de alguém que para o eu-lírico é muito estimado. Tal é, portanto, o assunto do texto.

A primeira estrofe do texto narra a partida definitiva de uma jovem moça, que está indo embora aparentemente contra a sua vontade, o que se verifica pela passagem “oh, ela, chorando, deixava-me...”; a dor é evidenciada no momento da despedida. Ao perceber o ente querido ir embora contra a própria vontade, o eu lírico utiliza-se do recurso de uma metáfora, a “morte”, para traduzir a sua dor (“estar morta, sinceramente, eu desejo”); ou seja, o eu-lírico, aparentemente preferiria estar “morto” a viver aquela dolorosa despedida; ao que parece, o grau de emoção envolvido permite constatar de que se trata de uma despedida definitiva; no momento em que o eu-lírico expressa a sua dor, o evento da despedida já aconteceu. Isso nos permite afirmar que o texto constitui o momento em que o passado se faz presente pela recordação.

Seguindo ainda na primeira estrofe, a menina evidencia o seu sofrimento “Oh, que terrível [isso que] sofremos, Safo, pois deixo contra a vontade”. A lembrança, aqui, extrai uma dor marcada pelo verbo “*deixo*”; esse verbo permite reafirmar o entendimento de que a partida da moça é definitiva; por esse motivo, para ela a despedida é um ato doloroso que causa um sofrimento profundo; é perceptível que moça não quer ir embora, está indo contra a sua vontade.

Na segunda estrofe, o eu-lírico revive momentos com a moça, os quais foram marcantes; ou seja, a lembrança aqui suaviza a dor da separação. O interessante é que o texto aparenta mostrar duas consolações. Uma do eu-lírico para com a menina (que é o fato revivido) e outra a do eu-lírico para si mesmo, isto é, recordando para também a si mesmo consolar com as palavras que ele próprio dissera à menina na despedida. Sendo assim, são ditos argumentos

em favor do conforto da menina: “Alegra-te e vai, lembra-te, pois sabes o quanto/ estamos ligadas” ao mesmo tempo em que tais argumentos também consolam a voz que fala. O argumento para suavizar a despedida consiste no fato de que independentemente da partida definitiva, elas sempre estarão ligadas, pois a lembrança será vivida diariamente para suavizar a dor da separação. Assim, é possível que, se o eu-lírico está reconstituindo esse momento, podemos afirmar que essas lembranças estão consolando a ele também, considerando-se a intensidade e o detalhe com que essas lembranças são trazidas à tona. Trata-se, portanto, de uma dupla consolação.

No decorrer da estrofe, a jovem moça é confortada em sua dor “Mas, se não [te lembras] então eu vou lembrar-te dos belos momentos em que vivemos”. Ou seja, por mais que seja fato que as duas não se verão mais, a lembrança aliviará a dor, e suprirá a falta da presença física, pois o que ficará guardado são os momentos bons que elas viveram. Dessa forma, é possível aproximar o passado em uma esfera presente, sendo alimentado diariamente pelas lembranças, agindo como um conforto para suprir o desconforto da separação permanente.

Na terceira estrofe, Safo oferece momentos específicos em que elas passaram juntas, esse momentos atuam como um apelo aos sentimentos “Pois com muitas coroas de violetas, De açafreões e de rosas Adornei [-te] e a mim”. Neste sentido, a fixação da recordação começa a fluir por momentos guardados no seu íntimo; os ornamentos e enfeites mencionados são demonstrações de carinho; ou seja através da demonstração de ternura, pode-se dizer que o afeto constitui um movimento do sentir e este movimento do sentir delimita a qualidade das lembranças. Ou seja, o grau de sentimento que se tem por alguém interfere no modo como essa pessoa será lembrada.

No final da estrofe o eu-lírico continua oferecendo mais lembranças: “[...] e muitas grinaldas em tranças de delicadas arranjos, Colocaste sobre o nosso pescoço”. A menina é consolada com argumentos que relembram aquilo que foi vivido; a recordação atua aqui como instrumento para acalmar as emoções causadas pela distância. Em virtude de a partida ser definitiva, as recordações, a partir de agora, serão de utilidade permanente para serem usadas sempre que surgir a tristeza da saudade. Ou seja, se a saudade é constante, a recordação deve ser constante também, pois do contrário, não haverá alívio para a dor.

Na última estrofe, o eu-lírico constrói outro tipo de lembrança, ou seja que apela aos sentidos. Isso implica na intensificação da recordação, já que aqui se nota que o eu-lírico não lembra através de imagem apenas, mas de aromas também, dentre outros sentidos: “E [lembra-te também dos] muitos perfumes De florida essência [com que] Eu te ungi [como fazem] as rainhas”. A lembrança de um perfume é um detalhe a mais na recordação para que ela possa ser

fixada mais intensamente.

Assim, a recordação, conforme se verifica no texto, deve ser um alternativa recorrente para acalmar as emoções provocadas pela distância; a recuperação de experiências passadas constitui uma razão para a convivência com a dor de uma ausência. Deste modo, ao descrever sensações, desejos e emoções nas demonstrações de afeto como essa de uma despedida, fornece a nós a noção de que a recordação não é apenas um momento de lembrar de alguém. Ela e acima de tudo, um meio de vida, uma alternativa para lidar com emoções adversas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita feminina é uma escrita que nasce das riquezas que já existem na interioridade e que, através da sensibilidade e da delicadeza de percepção específicas do feminino, atingem uma expressão única e reveladora da experiência de ser humano. Essa condição da escrita sáfica acaba por influenciar a sua posteridade na medida em que se verifica a necessidade dos poetas antigos de observar o sutil da existência. Daí expressões que entraram para nosso imaginário tais como *carpe diem*, “aproveite o dia”, ou seja, a necessidade de viver a vida em toda a sua beleza e sutileza. O romantismo, por sua vez, também explorará muito da questão da recordação na medida em que a saudade do ente amado reproduz no texto um elemento presente na experiência do amor.

Os textos de Safo de Lesbos, analisados aqui foram abordados de acordo como evocam o tema da recordação. Enquanto a poesia épica negava a si mesma a subjetividade, a lírica não esconde suas emoções porque não tem o mesmo compromisso da épica com relação à tradição. A poesia subjetiva proporciona, portanto, um sentido novo para o fazer poético naquele momento, contexto esse no qual o sujeito que escreve irá priorizar as suas emoções e demais experiências individuais, o que ocorre, dentre outros momentos, no ato de recordar. Essa atitude, posteriormente, é retomada, entre outros momentos como, por exemplo, no romantismo onde a recordação envolverá a nostalgia através da reflexão poética sobre ausência e saudade.

No fragmento XVI, estamos diante de uma lembrança que expressa a significância sobre alguém que se ama. A recordação atua como a evocação da presença de alguém. No fragmento XCIV aborda a recordação em um sentido diferente, ou seja, a busca por consolo e conforto através das boas lembranças. Ou seja, a recordação, neste contexto, se apresenta como algo capaz de suprir o sentimento de dor causado pela ausência de uma pessoa, sendo evidenciada como um alimento diário para aliviar essa dor. Os fragmentos analisados evidenciam a importância da lembrança como motivo de expressão poética e – sobretudo – como uma maneira de lidar com separações inevitáveis e escolhas pessoais que determinam nossas vidas.

Neste sentido, o apelo à recordação no contexto poético atua como um conforto, para enfrentar as dores da saudade, da despedida através das alegrias oferecidas por um momento lembrado. Por isso essa poesia tem tanto a ensinar a nós. O ser humano continua o mesmo desde há dois mil anos em sua essência primordial: a capacidade de sentir e a necessidade de lidar com os seus sentimentos. Assim, a lembrança servirá como um remédio, um instrumento para suavizar a dor nos momentos adversos de tristeza por ausência, por frustração e por não se ter,

por vários motivos, perto de nós as pessoas às quais damos muito valor. A expressão amorosa da poesia sáfica é sim uma expressão pessoal de uma experiência individual, ou seja, Safo recria aquilo que sentiu através das suas experiências com pessoas conhecidas, as quais são trazidas as lembranças, reafirmando a significância dessas pessoas para quem as lembra.

Deste modo, os poemas discutidos permitiram enfocar um olhar sobre a maneira pela a qual a recordação adquiriu importância no fazer poético. Naquele momento era algo novo; hoje, para nós, é praticamente óbvio que um poema qualquer que seja fale de saudade. Entretanto, cabe lembrar que recuperar a maneira antiga de sentir explica muito sobre como sentimos hoje e, deste modo, fornece a raiz do sentimento humano no contexto da arte poética.

REFERÊNCIAS

- ACHCAR, Francisco. **Lírica e Lugar-Comum: Alguns Temas de Horácio e sua Presença em Português**. São Paulo: Edusp, 1994. (Ensaio de Cultura; vol. 4).
- BONNARD, A. 1966. **História da Civilização Grega (Da Ilíada ao Partenon)**. Tradução de José Saramago. Lisboa: Estúdios Cor.
- CAMPBELL, David. **Greek Lyric – Sappho and Alcaeus**. London: Loeb Classical Library, 1990.
- GENTILI, Bruno. **Metro e Ritmo nella Dottrina degli Antichi e nella Prassi della In:**
- GENTILI, Bruno; PRETAGOSTINI, Roberto (orgs.). **La Musica in Grecia**. Roma: Laterza, 1988.
- JAEGER, Werner. **Paidéia: A formação do Homem Grego**. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ROCHA, Roosevelt. **Lírica Grega Arcaica e Lírica Moderna: Uma Comparação**. In: *Philia&Filia*, Porto Alegre, vol. 03, nº 2, jul./dez. 2012, p. 84-97.
- SILVA, Odi Alexander Rocha da. **Dinâmica de um Sentir – Lírica e Recordação em Safo de Lesbos**. Saarbrücken: Novas edição acadêmicas, 2013.
- SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica**. Porto Alegre: Sulina, 1981.
- SAFO. **Fragmentos Completos**. Tradução de Guilherme Gontijo Flores. São Paulo: 34, 2017.
- SILVA, Odi Alexander Rocha da. **Dinâmica de um Sentir: lírica e recordação em Safo de Lesbos**. Saarbrücken: Novas Edições acadêmicas, 2013.
- SNELL, B. **A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Universitário. 1975.
- VERGNA, Walter. **Heroides: A concepção do amor em Roma através da Obra de Ovídio**. Rio de Janeiro: GranetLawer, 1975.